

A FRELIMO e a República da África do Sul mostram-se cada vez mais interessadas em um acordo com a Resistência Nacional Moçambicana

Os contactos entre o governo de Samora Machel e os rebeldes que o combatem — a RENAMO, ou Resistência Nacional Moçambicana — acabam de ter uma nova fase, que decorreu em Pretória, sob os auspícios da República da África do Sul. Tal como os anteriores, que se iniciaram em Maio deste ano, esses contactos foram da iniciativa do regime marxista do Maputo.

Contrariamente ao que notícias provenientes de Pretória e publicadas ontem na imprensa portuguesa davam a entender, o presidente e comandante-chefe da RENAMO, Afonso Diakama, não se deslocou à África do Sul para esses contactos, os quais tiveram por interlocutor, do lado governamental, o ministro Jacinto Veloso, que, não obstante ter a seu cargo o sector da Economia, vem desempenhando, desde há meses, a condução da política moçambicana, quer no relacionamento com os seus vizinhos sul-africanos, quer na procura de uma plataforma capaz de pôr termo à guerra civil.

A RENAMO fez-se representar pelo seu secretário-geral, Evo Fernandes, com o qual o nosso jornal conseguiu falar, telefonicamente, durante a sua permanência na África do Sul. Aquele dirigente da Resistência Nacional Moçambicana esclareceu-nos que será prematuro qualquer optimismo quanto aos resultados das trocas de impressões agora havidas, mas que também

não há motivos para se falar de um malogro.

«A FRELIMO pareceu-nos extremamente desorientada, sem saber em termos exactos o que pretende» — disse-nos Evo Fernandes.

«A FRELIMO manifestou o desejo de ter novos contactos connosco antes de 25 de Setembro, mas aconselhámo-la a proceder a uma reflexão mais demorada sobre os seus verdadeiros objectivos» — acrescentou o secretário-geral da Resistência Nacional Moçambicana.

A atitude assumida pelo regime marxista do Maputo para com os seus opositores da RENAMO, que até há pouco eram designados apenas por «bandidos», embora tivessem conseguido levar a acção das suas guerrilhas à quase todo o território moçambicano, faz crer que a única solução possível entrevista por Samora Machel é a de chegar-se a um entendimento. Isto significará que nem o pacto de não agressão estabelecido entre Moçambique e a África do Sul em Março deste ano, conhecido por Acordo do Incomati, nem a perspectiva de numerosos investimentos financeiros ocidentais, nem a permanência de elevados contingentes militares da Tanzânia e do Zimbabué ao serviço das forças governamentais conseguiram travar a escalada do movimento rebelde, que entretanto tem apertado o cerco rodoviário à capital do país. A opinião de que a situação é irreversível do

ponto de vista militar e que do ponto de vista económico atingiu o ponto de rutura, encontra-se hoje generalizada e até jornais que até há pouco ignoravam, a real importância do movimento liderado por Afonso Diakama se mostram hoje dispostos a reconhecê-la.

Oficialmente, o ministro moçambicano Jacinto Veloso e o ministro dos Estrangeiros da África do Sul, Roelof Botha, minimizaram a coincidência do seu encontro com a visita a Pretória do representante da Resistência Nacional Moçambicana. No entanto, parece ter sido Evo Fernandes o centro das atenções e a principal razão das conversações. Uma fonte oficiosa sul-africana, contrastando com as reservas de Roelof Botha, afirmou que o governo de Pretória está a tentar persuadir Samora Machel a tomar uma posição de abertura nas suas conversações com os rebeldes, até agora realizadas numa semi-clandestinidade.

É natural que assim seja, porquanto sem uma pacificação de Moçambique resultarão inúteis todos os projectos da República da África do Sul quanto ao reatamento e ao incremento das suas relações económicas com a antiga província portuguesa do Indico. Um dos pontos de maior interesse para a África do Sul — e também para Portugal — consiste no funcionamento normal do sistema de forneci-

mento da energia eléctrica pela barragem de Cabora-Bassa. A verdade, porém, é que o Tratado do Incomati foi assinado em Março e desde então até hoje continua a ser impossível reparar os vinte e quatro postes transmissores destruídos pelos guerrilheiros da RENAMO.

DIABO (O)

Porto

21. AGO. 1984